



TESTEMUNHOS

EUNICE TUDELA DE AZEVEDO, "UM ESPAÇO DE TRANSDISCIPLINARIDADE : Projecto Teatral, KARNART, Visões Úteis E Circolando" in Rui Pina Coelho (coord.), *TEATRO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO*, Bicho do Mato/TNDMII, Lisboa, pp. 134-153, 2017.

(...)

Karnart | A contaminação do teatro pelas artes plásticas é uma característica que podemos igualmente identificar no trabalho da Karnart, que, apesar de ter sido oficialmente fundada em 2001, por Luís Castro, Vel Z, Maria Campos, Fernanda Ramos e Filipa Reis, encontra no percurso artístico do seu mentor – Luís Castro – uma pré-história significativa na concepção e exploração do conceito que pauta as criações da estrutura: *perfinst* (*performance*+instalação)¹. Este conceito, que tem sido aprofundado e aperfeiçoado ao longo dos anos, espelha a necessidade de encontrar uma categoria própria para as criações da companhia, que desenvolveu uma metodologia de trabalho adequada, uma técnica para o intérprete ideal (o *perfinster*, que deverá combinar a capacidade expressiva de um actor, a destreza e o distanciamento de um manipulador de marionetas, o controlo corporal do bailarino e a curiosidade e o rigor do cientista) e uma linguagem híbrida – produto da convergência da instalação, projecção de vídeo e *performance*.

Apesar de criarem espectáculos para salas à italiana, recusam aceitar a sua disposição tradicional e acabam por criar uma abordagem própria a estes espaços convencionais. No caso de *Pecado* (1998), onde o espaço cénico assume a disposição de arena – espaço de confronto e digladição entre João Agonia e a sua família intolerante à sua sexualidade –, circundado por estrados mais elevados, simbólicos de uma dimensão superior, quase divina, livre de preconceitos. O espaço assume, aqui, uma dimensão

¹ O espectáculo *Comb*, de 1996, apresentado nas Smith's Galleries e no I.C.A, em Londres, é apenas um exemplo de uma criação de Luís Castro onde é possível identificar já o embrião da Karnart.

dramatúrgica produtora de sentido. No entanto, a *perfinst* é pensada, principalmente, num contexto de *site specificity*, recorrendo frequentemente a espaços não convencionais, como galerias de arte, casas, ou o Espaço Karnart, instalado, entre 2002 e 2009, num edifício do século XIX, onde funcionou a Escola de Medicina Veterinária de Lisboa, e que apresentava características próprias incorporadas nos espectáculos, como mesas de mármore para a dissecação de animais utilizadas para acolher instalações.

Os espectáculos de *perfinst* são, na sua grande maioria, concebidos propositadamente para o espaço em que são apresentados, habitando-o e transformando-o, aproveitando núcleos e recantos, como é evidente nas criações para a Galeria Monumental, do qual *Húmus* (2010) é o exemplo mais significativo:

Usando de forma criativa os vários espaços da Galeria Monumental (...), Luís Castro concebeu (...) um percurso de acções que os actores/performers (...) iam executando de forma rigorosa e ordenada, mas paredes meias com a evocação do onírico, esconjurando, assim, fantasia e dor, desejo e medo, vida e morte. (...) O espectáculo estava escandido em várias partes e cada cena decorria em lugares diferentes da Galeria: Sala 1, Sala 2, Sala do fundo, Galeria, Pátio, Sala Preta. O que isso sinalizava era não apenas a possibilidade de criar diferentes atmosferas nos enquadramentos que a arquitectura permitia e a iluminação modalizava, mas também a deambulação que se oferecia ao público, que podia, a partir da 4.^a cena, ir escolhendo a acção a que queria assistir, podendo a qualquer altura passar de um lugar para outro. (...) Algumas das opções de enquadramento revelavam uma inteligente apropriação do lugar, de forma simples e sem imposição de sentidos, mas, ao mesmo tempo, criando o espaço para possíveis leituras, imaginação à solta a completar esse "espanto aos gritos" que é o lugar da fala e a raiz do sentimento de Raul Brandão. (Serôdio, 2011: 18-20)

Em *Húmus* descobrimos a liberdade de circulação oferecida ao público; liberdade que se traduz na responsabilidade da escolha do fio condutor do espectáculo, bem como no estímulo ao espectador, que é convidado a visitar estes lugares, a experienciar emocionalmente as instalações, a pensar nas questões levantadas e

a descodificar as várias leituras possíveis. Em suma, o espectador é convidado a lutar pelo seu espectáculo.

As várias leituras de uma *perfinst* são construídas a partir da relação dos objectos – uma instalação ou sequência delas – com o texto (em *voz-off*), que nunca é ilustrativa. Este antagonismo confere ao espectáculo uma maior densidade dramática, tornando-o mais improvável, enigmático e decifrável. Também a figura do *perfinster* compõe essa densidade, já que leva a cabo, através de um movimento cuidado e rigoroso, a manipulação dos objectos e a transformação das instalações ao adicionar, subtrair ou modificar os elementos que as compõem. Encontramos em *Yerma* (2005), a primeira parte de uma trilogia dedicada ao tema da família, um momento fulcral no desenvolvimento da *perfinst*, tendo sido o primeiro espectáculo a apresentar uma forte relação paradigmática entre objecto e intérprete.

Os objectos assumem uma importância capital e existem, no acervo da companhia, em grande número e distribuídos por várias categorias: artesanato, têxteis, objectos geológicos, bonecos, objectos religiosos, flores, animais embalsamados, etc... Estes constituem uma colecção que espelha a riqueza e variedade do mundo e encontram-se catalogados e metodicamente organizados na “objectoteca” do Gabinete de Curiosidades Karnart². O impressionante espólio é uma das bases da criação, uma vez que alguns espectáculos são construídos a partir de uma pré-selecção feita por Luís Castro, posteriormente disponibilizada aos intérpretes para que contribuam para um determinado tema ou texto, como aconteceu, por exemplo, no processo de construção de *Ilhas* (2012). Os objectos carregam uma história antes da sua integração no acervo e é conhecido o motivo pelo qual foram integrados, bem como o historial da sua participação no trabalho do colectivo. Quando se tratam de elementos naturais, nunca são retirados violentamente ao ambiente, já que a ecologia é uma das preocupações desta companhia.

Encontra-se, portanto, na base do trabalho da Karnart, uma ética e uma necessidade de intervenção na comunidade, reveladoras de preocupações de ordem ecológica, social e política que definem o trabalho dramático, bem como a componente plástica dos

² Novo espaço ocupado pela Karnart, em Lisboa, desde 2015.

espectáculos. Em *Salvesave* (2000) – que abordava a catástrofe natural sofrida em Moçambique, em 2000, e pretendia alertar para o fenómeno devastador das alterações climáticas – está já presente a questão ecológica. Também em *O Convento* (2011), que parte das características de um determinado território (ambientais, culturais, sociológicas e antropológicas) – o da Serra de Monchique –, se aborda esta problemática ao encontrar, na sabedoria de uma família que vive de forma modesta num convento abandonado³ no Algarve, uma alternativa de vida mais sustentável. Neste espectáculo descortina-se um outro tema e metodologia recorrentes nos espectáculos da Karnart, presente também em *Portugalidades* (2001), que assenta num trabalho de campo e de convívio com a comunidade. Este projecto, espectáculo em várias partes apresentadas em diferentes zonas do país, ergueu-se a partir das particularidades de cada região trabalhada, tendo como preocupação alertar para as suas especificidades culturais e a eventual descaracterização e extinção dos seus valores artesanais e tradicionais.

Outro importante traço do trabalho da companhia surge nos espectáculos em que se abordam questões de marginalidade social e dos direitos das minorias, como em *Hermaphrodita* (2015), uma exploração de um corpo híbrido e da sua sexualidade, com recurso à projecção de vídeo num corpo transformado em tela. São postas em evidência uma dimensão política e uma postura que obrigam o espectador a confrontar-se com a alteridade: a conhecer, a pensar e a respeitar o outro.

³ Convento franciscano de Nossa Senhora do Desterro, situado na Serra de Foia, em Monchique. Património de interesse público actualmente em ruínas.